

NOVOS CONTORNOS DA / NA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: OS BLOGS E AS PRÁTICAS DA ESCRITA DE SI

Emanoel Cesar Pires de Assis (UEMA)¹
Maria Bethânia de F. Melo (UEMA)²

***Resumo:** Este artigo busca entender os novos contornos da subjetividade contemporânea tendo os blogs como uma prática da escrita de si na atualidade. Objetivamos com isso identificar pontos importantes que caracterizam esse tipo de texto em meio eletrônico. Esse mecanismo de escrita se mostra impregnado de características que são próprias do específico momento histórico a que pertence. Dessa forma, entender e estudar a escrita de si é também estudar o momento histórico e as produções subjetivas de seus sujeitos.*

***Palavras-chave:** escrita de si; subjetividade contemporânea; blogs.*

As transformações no processo da escrita de si

Desde que surgiu, ainda sob a forma pictográfica, a escrita já era utilizada como uma forma de comunicação pessoal. Entretanto, foi apenas no final da Idade Média, quando a escrita ainda era um privilégio para poucos europeus, que a prática de escrever cartas, muitas de cunho pessoal, expandiu-se. Tal fato evidencia a relação bastante próxima entre a expansão do uso da linguagem escrita naquele período histórico com o aumento de relatos íntimos, presentes em cartas pessoais, diários, crônicas, cantigas, etc. Surgem, dessa maneira, as primeiras sementes das

¹ Doutor em Literatura (UFSC) e docente permanente do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras da UEMA. Contato: emanoel.uema@gmail.com.

² Mestranda em Letras na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Contato: bethaniafigueiredo@yahoo.com.br.

transformações subjetivas que viriam a desenvolver-se nos séculos seguintes: Idade Moderna, Contemporânea e até os dias atuais.

Foi, entretanto, no século XX que estas transformações ganharam uma nova feição, muito mais dinâmica, instantânea e interativa, com o surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação e da internet. Essas novas tecnologias nos trouxeram um mundo novo, o que nos possibilitou uma nova visão sobre o tempo e o espaço. A internet modificou as concepções de mundo que cada um de nós carregava no íntimo ao facilitar a comunicação em tempo real de muitos com muitos, o que representou uma drástica mudança de paradigmas na sociedade humana.

O mundo da linguagem digital é decorrente de um processo histórico complexo, proveniente principalmente do surgimento do computador pessoal e da *Web 2.0* que nos encaminhou para uma nova forma do que é saber, fazer e aprender. Todas essas transformações estão intimamente ligadas às mudanças na própria linguagem. A esse respeito Braga (2007) diz que a linguagem, ao ser transposta para um novo meio, passa a explorar os recursos expressivos e busca alternativas de contornar possíveis limitações de cada mediação técnica. A maneira como lemos e escrevemos hoje vem acompanhada de novas formas de ver e entender o mundo. A internet facilitou a divulgação e a circulação de discursos em diferentes perspectivas, ao trazer mecanismos que possibilitaram tanto um espaço de autoria quanto de interação e colaboração.

Assim, os ambientes virtuais criados a partir dos avanços das TICs, como *e-mails*, *redes sociais*, *blogs*, especialmente com a popularização da internet e da telefonia móvel, estabeleceram novas fronteiras entre o que é público, privado e íntimo. Essa é agora uma nova realidade na comunicação interpessoal e estudá-la também significa redefinir quais são os limites dessas novas fronteiras.

Em *Escritas contemporâneas: literatura, internet e a "invenção de si"*, Viegas (2006) diz que as chamadas "novas tecnologias", digitais e virtuais, compõem o cenário contemporâneo, participando tanto do cotidiano quanto do imaginário atual. A geração de escritores que começa a publicar na década de 1990 caracteriza-se por escrever "longe da máquina de escrever", mas colada no computador, é a popularização do *personal computer*, da Internet e do e-mail (Viegas, 2006).

A esse respeito, Klinger (2006) argumenta que assistimos hoje a uma proliferação de narrativas *vivenciais*, ao grande sucesso mercadológico das memórias, das biografias, das autobiografias e dos testemunhos; aos inúmeros registros biográficos na mídia, retratos, perfis, entrevistas, *reality shows*, ao surto de *blogs* na internet, ao auge de autobiografias intelectuais, de relatos pessoais das ciências sociais, a exercícios de "ego-história", ao uso de testemunhos e dos "relatos da vida" nas discussões teóricas e epistemológicas.

Os blogs e a escrita de si

Não é objetivo, portanto, desse artigo aprofundar o histórico da evolução das TICs ou do uso da linguagem escrita, é, por outro lado, refletir sobre a retomada da escrita como maneira privilegiada de comunicação a distância e, principalmente, sobre os novos contornos da subjetividade contemporânea tendo os *blogs* como um meio novo para a *escrita de si*.

Enfim, a questão para a qual nos encaminhamos é entender como se desenvolve a *escrita de si* em meio eletrônico, em particular nos *blogs*. Lançamos esse questionamento ao constatar que desde a popularização da internet, bem como de várias redes sociais e dos *smartphones*, houve um verdadeiro *boom* de textos autorreferenciais escritos, orais e/ou visuais, em que “*postar*” é quase sinônimo de “*existir*” e a busca por “*curtidas*”, “*seguidores*”, “*inscritos*” tornou-se uma meta a ser alcançada, um verdadeiro *frenesi*, principalmente entre os adolescentes.

Mas o que são os *blogs*? O termo *blog* vem da abreviação de *web log* que, traduzindo, significa registro na rede. É, dessa forma, uma espécie de diário eletrônico publicado na internet. Sua popularidade deve-se a dois fatores: facilidade de manuseio, ou seja, não é necessário nenhum conhecimento mais aprofundado em informática para usá-lo, e a possibilidade de interatividade entre leitores e autores, feita através dos comentários logo abaixo do texto.

Ao enveredarmos pelo mundo dos *blogs*, nos deparamos com vários tipos: os de *opinião*, *jornalísticos*, *pessoais* e os *não pessoais*, etc. Aqui o que nos interessa são os *blogs pessoais*, que são espaços usados por seus escritores para falar de *si*. Neles os autores escrevem sobre suas experiências, amores, desamores, alegrias, tristezas, conquistas, decepções, enfim, escrevem e compartilham sua intimidade. A princípio, não há preocupação com a exposição, pelo contrário, o que motiva alguém a escrever um *blog* de caráter pessoal é justamente o desejo de expor sua vida para outras pessoas e receber um *feedback* dos leitores sobre o que foi dito. É claro que é possível manter-se anônimo através do uso de pseudônimos e alguns autores os utilizam como uma maneira de preservação pessoal.

Portanto, a subjetividade presente nesta rede social é marcada pela exposição de *si* ou do que costumamos chamar de intimidade. Os relatos pessoais despertam a curiosidade e o interesse de um número significativo de pessoas/leitores que têm opiniões e visões semelhantes ou até mesmo divergentes sobre determinado tema. A esse respeito Schittine (2004) comenta que os *blogs* geram um relacionamento de via dupla, entre o autor que se dispõe a contar sua vida íntima a um público desconhecido e, do outro lado, um público que se propõe a ler sobre ela e a comentá-la.

Michel Foucault (1992) define *escrita de si* como sendo um registro de movimentos interiores, pensamentos, desejos e ações daquele que escreve. Portanto, podemos dizer que há uma íntima relação dos processos subjetivos envolvidos na *escrita de si*. Na análise que faz em seu artigo *A Escrita de Si*, Foucault mostra que a escrita pode exercer várias funções, entre elas a de Companhia, de Auto Aprimoramento, de Seleção de Informações Conhecidas, Construção da Identidade, de Registro de Condições de vida e Descrições de Estados Físicos e Psíquicos. Todas essas funções relacionam-se ao destino que o autor de *si* pretende dar aos seus textos. Dessa maneira, quando alguém resolve escrever sobre *si*, geralmente o faz com o objetivo de guardar para si, como os diários pessoais, por exemplo, ou que seja lido por pessoas íntimas, como as correspondências e, mais modernamente, há aqueles textos que são escritos para se tornarem públicos, como os veiculados nas redes sociais. Portanto, a maneira como se faz a *escrita de si*, bem como suas funções, está intrinsecamente ligada ao objetivo que os escritores pretendem alcançar com seus textos.

Os *blogs* possuem uma característica híbrida (Prange, 2003), ou seja, são uma mistura de diários pessoais e correspondências. A semelhança com o primeiro deve-se ao fato de o autor escrever sobre seu dia-a-dia de maneira regular e atualizar constantemente sua página, já no segundo caso, as semelhanças ficam por conta da troca de mensagens entre autor e leitor através dos comentários. Também podemos notar semelhanças com os textos autobiográficos, pois assim como estes a finalidade é torná-los públicos.

Observando alguns *blogs*, percebemos que algumas funções se sobressaem a outras, por estarem na superfície dos discursos dos *blogueiros*. Algumas delas já eram esperadas, como de Companhia, de Auto Aprimoramento, Construção da Identidade, de Registro de Condições de vida e Descrições de Estados Físicos e Psíquicos. Entre as funções esperadas, a que primeiro se destaca é a que está ligada à descrição dos estados físicos e psíquicos, associada à descrição do cotidiano de seus autores.

As descrições de estados emocionais são uma tônica nos *blogs* pessoais, sendo que, na maioria dos textos, essas descrições são relativamente curtas e não têm como objetivo reflexões mais profundas sobre os estados emocionais descritos, mas funcionam como uma maneira de externar sentimentos que afligem os autores em dado momento. É o que vemos no trecho a seguir:

Dói. Dói e ao mesmo tempo constrange saber que essa vontade de chorar não vai levar a lugar nenhum. Saber que mesmo que as lágrimas caiam e a gente deseje ver todo mundo vindo até a gente com um abraço e um “eu te entendo, senta aqui e toma uma água”, não é isso que vai acontecer: as coisas continuariam o seu curso normal e você seguiria *chorando no meio da multidão*.

É com esse conhecimento que, então, eu tento me consolar e repetir que vai ficar tudo bem, que as coisas vão se acertar, que aquilo não vai acontecer de novo e que muitas belezas voltarão a colorir os meus dias. *Que eu me importo comigo mesma e que isso é o fundamental [...]* (Vieira, 2017, grifos no original)³

Uma passagem do *blog* “A Bela, não a Fera” também ilustra tal característica.

Chegou um ponto em que choro por tudo. De uma unha lascada até por coisas do passado que foram prometidas e que nunca aconteceram. Eu sei, o passado deve vir apenas para lembrar de coisas boas e de lições para um futuro. Mas e quando o passado poderia ter feito toda a diferença para o que você é hoje?

E então: a reviravolta após um dia choroso perdido em devaneios de um túnel obscuro sem saídas- a tão sonhada luz no fim do de todo

³ Publicado em www.depoisdosquinze.com, acesso em 25/junho de 2017.

aquele caminho que era de difícil visão. Volto ao ponto de chorar. É alegria que não cabe em mim. Mal paro de tremer [...] (Pinheiro 2015).⁴

Os trechos destacados apontam para um desejo das autoras de externarem seus sentimentos, de dar vazão à intimidade, funcionando, de certa forma, como uma catarse de emoções das quais demonstram querer se livrar. Esse tipo de relato mostra-se importante para as autoras não só por ser uma maneira de expor algo pessoal, mas também porque a partir do momento em que elas escrevem sobre *si* um novo caminho se abre para cuidar de seus problemas existenciais. Em uma analogia estreita, escrever esse tipo de texto e publicá-los em rede parece funcionar como uma sessão de psicanálise moderna, em que a tela do computador é o “*divã moderno*” e os leitores, seus psicanalistas que as ajudam a compreender e a resolver suas questões pessoais. O mesmo pode ser visto no *blog Menina Marota*, em que a autora expõe de maneira muito clara que está passando por aquilo que ela chama de “tsunami de alma”. Logo em seguida alguns leitores tentam ajudá-la, comentando, solidarizando-se com ela, estabelecendo, dessa maneira, uma espécie de “contrato de cumplicidade e confiabilidade” entre escritora e leitores:

A minha vida é um tsunami. Não. Não é a minha vida. É a minha alma. O meu pensamento. Tantas marés aguentei que acho não sobreviver a esta. As ondas formam-se altas, cada vez mais altas.

Quase me atingem mas, de repente, pairam. Ficam ali a pairar. E eu impávida, sem acção, não consigo reagir.

Fui educada para ser forte. Para não dar a conhecer os meus sentimentos. Para permanecer serena e intrépida em qualquer circunstância.

Mas até que ponto o ser humano aguenta tanto?

Até quando qualquer ser humano não se deixa cair e quebra a sua fortaleza?

O meu forte que queria impenetrável, começa a ceder.

Há fendas por todo o lado. E sinto o mar abalroar-me, como se eu fosse um pequeno barco que submerge às vagas imensas que já não consigo mais suportar.

Poderão dizer-me: “...mas o que te falta para ser feliz?” Sorrio.

Quem conhece o mar, é capaz de reconhecer as ondas bravias.

Sempre fui rebelde, reconheço. Poucas, tão poucas pessoas reconhecem um sobrevivente, um naufrago. E poucas navegaram nos seus mares.

Reconheço que sou injusta. Para os que sofrem na pele tanto infortúnio. Reconheço que sou injusta para os que perderem tudo e não se ergueram; que sou injusta para aqueles que nada conseguem.

Mas cada um sabe de si, diz o povo. E eu sei de mim, direi.

Imagem 1: Blog menina marota. Fonte: <http://meninamarota.blogs.sapo.pt/>

⁴ Publicado em <http://abelanaofera.com.br/>, acesso em 25 de junho de 2017.

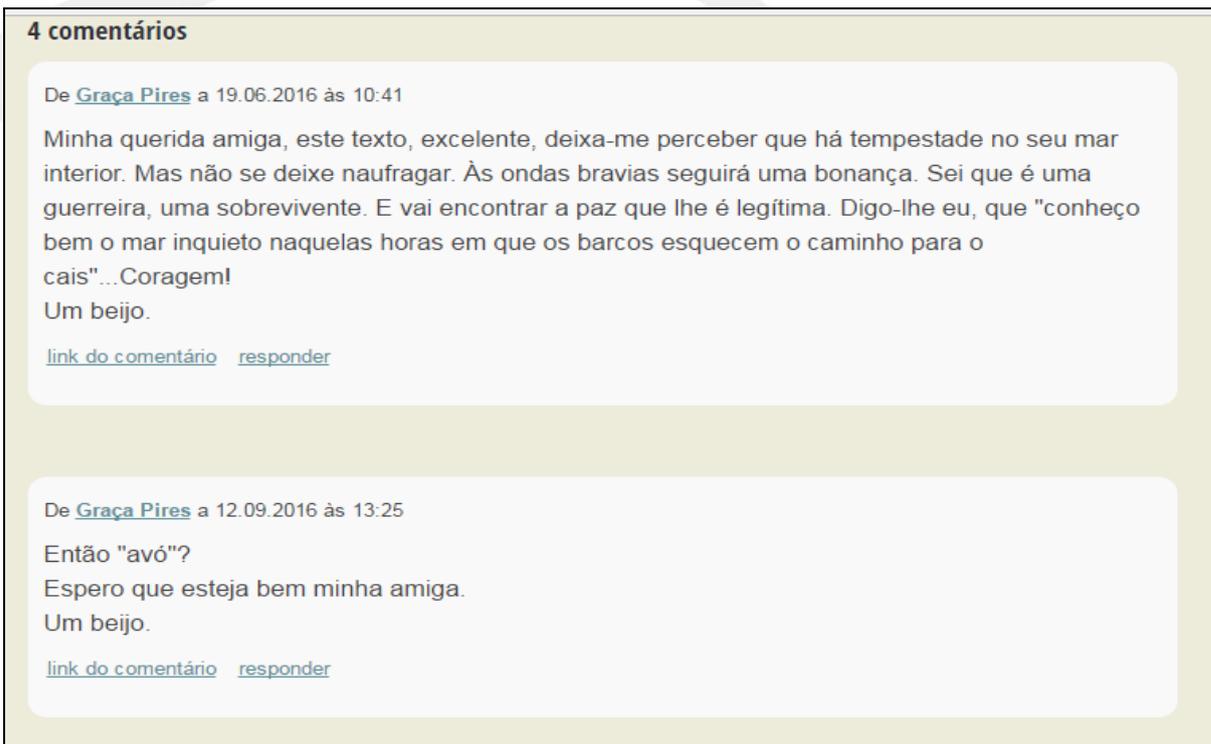


Imagem 2: Blog menina marota. Fonte: <http://meninamarota.blogs.sapo.pt/>

Enfim, externar a terceiros sentimentos íntimos e/ou experiências pessoais é sempre muito difícil. Escrever sobre *si* é antes de tudo um exercício, por vezes, dolorido de desnudamento. É expor fragilidades e/ou sentimentos que, na maioria dos casos, são desconfortáveis. É sujeitar-se a críticas nem sempre construtivas. É, por outro lado, uma oportunidade de repensar conflitos internos e redefinir caminhos, como observamos nos discursos dos *blogs* visitados:

Sou aquela que, por trás do sorriso, pensa na receita incrível com Nutella que precisa fazer um dia, na ideia da foto que deseja tirar mais tarde, no livro que leu ontem antes de dormir, no romance que vai sair do cinema na próxima semana, na vontade de tentar bordar, na ânsia de viajar para o Chile e conhecer de perto aquelas montanhas cheias de neve e na sugestão que martela a cabeça o tempo inteiro, falando sozinha: “e se eu tentar fazer isso de uma forma diferente?”.

Sou terreno fértil – *por aqui florescem coisas e coisas [...]* (Vieira 2017, grifos no original).

Nos *blogs* visitados há uma clara troca de mensagens entre as autoras e suas leitoras. A relação de amizade, embora virtual, parece muito real, como se de fato fossem amigas íntimas em que uma precisa ser ouvida, precisa de conselhos e, a outra, ouve e aconselha. Estabelecendo-se, dessa forma, uma relação de confiança e, ao mesmo tempo, uma sensação de não estarem sozinhas, ou seja, de terem uma a companhia da outra.

Em outro texto publicado no blog *A Bela, não a Fera*, a autora fala da solidão que a acompanha desde a infância, da tentativa de encontrar amigos com os quais se identificasse e das relações frágeis de amizade que as redes sociais possibilitaram. Por outro lado, ela também revela que foi através das mesmas redes sociais, *blogs e youtube*, que encontrou novos amigos com os quais mantém contato rotineiramente no país que agora reside, Finlândia, diminuindo assim o seu isolamento social.

Observamos que pensamentos, sentimentos, reflexões sobre si e sobre a vida vêm juntos e se misturam de forma harmoniosa nesse tipo de discurso. Os trabalhos de Prange (2003) e Romão Dias (2007) corroboram a ideia de que a escrita de si *on-line* é uma importante fonte de autoconhecimento para seus escritores, pois a escrita é uma possibilidade do sujeito lidar com seus conflitos internos ao integrar vivências e transformá-las em experiências reparadoras.

Falar em solidão e sentir-se solitário em tempos de redes sociais talvez seja o grande paradoxo da contemporaneidade. Embora a sociedade do século XXI disponha de variadas ferramentas tecnológicas capazes de aproximar as pessoas, o contrário tem sido a tônica dessas relações, uma vez que as afinidades afetivas sociais, hoje, são marcadas pela superficialidade e efemeridade. O que temos em tempos de “modernidade líquida” é uma relação complexa e, às vezes, confusa entre a solidão e o uso das redes sociais, pois, se por um lado as redes sociais conectam pessoas, por outro lado, não são capazes de formar vínculos duradouros. Zigmunt Bauman (2001) diz que este é um período marcado por conexões pessoais frágeis, em que os vínculos de afetividade têm uma chance maior de serem quebrados, causando nas pessoas uma sensação de angústia e abandono, levando-as ao isolamento social.

Bauman (2001) reconhece que as redes sociais são um meio de conhecer pessoas e criar vínculos, entretanto, não são capazes de proporcionar um diálogo verdadeiro, uma vez que a tendência é de nos fecharmos em círculos que comungam mais ou menos dos mesmos pensamentos, evitando, assim, embates ideológicos. Assim, as “conexões” como ele define, podem ser feitas, desfeitas e refeitas, pois as pessoas estão sempre abertas a se conectarem, desconectarem e reconectarem de acordo com as suas vontades, fazendo com que seja difícil manter laços afetivos a longo prazo; é a solidão moderna, intermediada pela tecnologia. Nesse sentido, os *blogs* pessoais funcionam para seus autores tanto como uma forma de expressão pessoal quanto uma maneira de relacionar-se com outras pessoas, diminuindo assim o isolamento social, pois ao escrever em rede e interagir com seus leitores, ter seus textos lidos e compartilhados por centenas de pessoas em todo o mundo, abre-se para uma sensação de que há alguém para ouvir, que se preocupa e que está disposto a dividir e relatar as mesmas angústias.

É marcante também a presença de autodescrições, o que nos leva a crer que esses textos escritos e publicados *on-line* funcionam como um espaço para que seus autores construam suas próprias identidades.



Imagem 3: Construção de identidade nos blogs. Fonte: <http://www.coisasfuteis.com.br>

Merece destaque também a associação entre prazer e compromisso. Essa relação de compromisso torna-se nítida quando seus autores demonstram suas preocupações de forma expressa por não estarem mantendo a regularidade das postagens:

Depois de muito tempo longe, voltei pro meu recanto. Meu afastamento não foi à toa, por falta de vontade de estar aqui, mas por necessidade de priorizar outras urgências da vida. Agora posso dizer que já sou quase 100% psicóloga, pois só falta colar grau e pegar o diploma. Me afastei durante esse tempo para me dedicar ao meu trabalho de conclusão de curso, que consegui finalizar, apresentar e ser aprovada com louvor. Estou numa nova fase agora, precisando reconfigurar caminhos, tomar decisões, trilhar novos rumos. Recomeços. A vida é um eterno processo de fechamento e abertura de ciclos (Paiva: 2017).

Nos *blogs* pesquisados, as publicações são realizadas diariamente, ou mesmo em curtos intervalos de tempo. Este é um indicativo de que o ato de escrever é uma prática rotineira para seus autores. Alguns discursos deixam evidente a preocupação que seus escritores têm com a regularidade de suas publicações, indicando que a relação mantida com seus *blogs* é, antes de tudo, um compromisso. Em outro viés, o ato de escrever em um *blog*, de estar em um ambiente virtual com um grande poder de alcance, podendo ser lido, comentado e compartilhado por um número enorme de pessoas, revela-se uma fonte de prazer também para quem escreve. Acreditamos que o prazer se deve muito ao fato de ser uma forma de falar de *si*, de sentir-se ouvido, relevante ou mesmo próximo a alguém em tempos tão solitários, especialmente nas grandes metrópoles.

Considerações Finais

Uma das formas de percebermos as transformações ocorridas ao longo da história da humanidade é observarmos o desenvolvimento tecnológico criado para suprir as necessidades humanas. Cada nova descoberta ou novos inventos são acompanhados por uma nova maneira de ver, aprender, sentir e fazer. O mundo tem constantemente se ajustado às possibilidades trazidas por essas inovações, sejam elas a manipulação do fogo, a invenção da roda ou a criação da linguagem. Todos esses avanços trazem consequências, (re)mexem com aspectos da vida, alteram o estilo de agir, viver e de ser.

A revolução digital é um evento histórico tão importante quanto foi no século XVIII a Revolução Industrial. Em relação ao mundo dos *blogs*, percebemos que talvez de forma inovadora na história da *escrita de si*, eles apresentem características que os definam como um gênero híbrido, na medida em que apresentam características diversas de escrita, sendo algumas delas semelhantes às memórias autobiográficas e às correspondências. Mesmo não sendo os *blogs pessoais* definidos neste artigo como um diário íntimo, algumas características fundamentais dessa maneira de escrita de si tradicional nos saltam aos olhos, como, por exemplo, o fato de conterem registros frequentes que tratam essencialmente de questões relacionadas a quem os escreve. Em outras palavras, são registros da vida diária, da intimidade de seus autores. A semelhança com as correspondências se dá no momento em que autores e leitores interagem através da troca de mensagens feita no espaço destinado aos comentários.

Os *blogs* também possuem semelhanças com os textos biográficos por serem destinados ao público. A diferença entre ambos reside no fato de que no segundo há um distanciamento temporal entre a escrita e o momento de leitura pelos leitores, uma vez que geralmente são publicados após o falecimento de seus referentes, enquanto os primeiros são praticamente instantâneos e estão ligados ao dia-a-dia do escritor, assim como a possibilidade de interação entre autor e leitor, como dito anteriormente; o que não é possível nos textos biográficos tradicionais.

Acreditamos que escrever sobre si em meio eletrônico é uma possibilidade que seus escritores têm para encontrar suas próprias emoções, de conhecerem-se melhor e transformarem-se, pois o mundo virtual é o local onde é possível haver um afastamento da realidade e experimentar o que não é possível de outra forma. É simultaneamente um espaço para estar só e acompanhado. Portanto, percebemos que em todos os *blogs* analisados há um forte prazer por estar nesse ambiente virtual, de interagir com diferentes interlocutores, de compartilhar experiências, de viver *on-line*, mais que isso, é um ambiente no qual pode se dar sentido às experiências vividas.

Por fim, os *blogs* são uma nova forma de *escrita de si* da/na contemporaneidade, reflexo de uma sociedade fortemente marcada pelas tecnologias da informação e comunicação, caracterizando o modo de vida das pessoas dessa época; é o homem inserido na chamada "*Era Digital*". É possível que potencialidades outras estejam presentes nos *blogs pessoais* que no momento não estejamos conseguindo enxergar, pois nos falta o distanciamento temporal exigido para uma compreensão mais apurada do que pode significar essa nova prática da *escrita de si em meio eletrônico*, tanto para os autores quanto para os leitores e, sobretudo, para o mundo no qual vivemos.

NEW CONTEXTS OF CONTEMPORARY SUBJECTIVITY: THE BLOGS AND THE PRACTICES OF THE SELF-WRITING

Abstract: This article seeks to understand the new contours of contemporary subjectivity by having blogs as a practice of self-writing today. We aim to identify important points that characterize this type of text in electronic media. This mechanism of writing shows itself impregnated with characteristics that are specific to the peculiar historical moment to which it belongs. Thus, to understand and study self-writing is also to study the historical moment and the subjective productions of its subjects.

Keywords: self- writing; contemporary subjectivity; blogs.

REFERÊNCIAS

BRAGA, D.B. Tecnologia e participação social no processo de produção de consumo de bens culturais: novas possibilidades trazidas pelas práticas letradas digitais mediadas pela internet. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v.49, n 2. Campinas: DLA/IEL?UNICAMP, 2010.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

PRANGE, A.P. *Da literatura aos blogs: um passeio pela escrita de si*. (Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em psicologia). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.

ROMÃO-DIAS, D. Brincando de ser na realidade virtual – uma visão positiva da subjetividade contemporânea. (Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em psicologia), Rio de Janeiro, PUC-RJ, 2007.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KLINGER, Diane Irene. *Escritas de si, escrita do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. UERJ, 2006.

VIEGAS, Ana Cláudia. A “invenção de si” na escrita contemporânea In: JOBIM, José Luís; PELOSO, Silvano (Org.). *Identidade e literatura*. Rio de Janeiro: Casa Doze Edições; Instituto de Letras da UERJ; Roma: Universidade de Roma La Sapienza, 2006. p. 11-24.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOGS VISITADOS

VIERA, Bruna. *Depois dos quinze*. Leopoldina, 20 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.depoisdosquinze.com/sobre/>. Acesso em 18 de agosto de 2017.

PINHEIRO, Isabela. *A bela não a fera*. Tampere, 15 de fevereiro de 2017. Disponível em: www.abelanaoaferra.com.br. Acesso em 15 de julho de 2017.

RIBEIRO, Stefanie. *Coisas Fúteis*. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2017. Disponível em: www.coisafuteis.com. Acesso em 20 de julho de 2017.

ARTIGO RECEBIDO EM 21/09/2017 E APROVADO EM 06/11/2017